



**Thiago Medeiros Gonçalves Pinto<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

O presente trabalho busca partindo de uma reflexão histórica, entender minimamente a formação do professor de educação física escolar e como o mesmo observa a questão da inclusão em suas aulas e como a sua formação pode ter lhe influenciado nisto. Para tanto parti de entrevistas semi-estruturada realizadas com professores da rede em Santa Maria.

**Palavras chave:** Inclusão, Educação física, Formação

## **ABSTRACT**

The present study attempts starting from a historical reflection, a basic understanding of the teacher training school physical education and how it looks at the issue of inclusion in their classes and how their training may have influenced him in this. To depart from both semi-structured interviews conducted with school teachers in Santa Maria

**Keywords:** Inclusion, Physical Education, Training

## **Conversando sobre inclusão**

Ao falar em educação inclusiva deveríamos pensar nas perguntas: Incluir onde? Incluir quem? Como fazer essa inclusão? Será que os professores de Educação Física estão preparados para lidar com essa inclusão? Diante destes grandes questionamentos, quero para o Projeto de Dissertação pensar a inclusão nas aulas de Educação Física, obtendo assim esclarecimentos sobre os outros questionamentos.

O número de alunos inclusos<sup>2</sup> no sistema educacional brasileiro é crescente e, durante muito tempo, as políticas públicas incentivavam esta ação através de projetos que visavam a inclusão. Entretanto, questiono-me até que ponto essas ações são realmente eficazes e que reflexo elas estão tendo na formação de professores.

Os professores recebem todo tipo de aluno, de diferentes classes, situações familiares diversas, experiências de vida variadas, inclusive os com Necessidades Educacionais Especiais - NEE. Portanto, todos os alunos deveriam ser considerados inclusos. Segundo a visão de estudiosos como Libâneo (1999) e de correntes pedagógicas mais atuais, o professor é um

---

<sup>1</sup> Graduado em educação física pela UFSM, thiagomgp@gmail.com

<sup>2</sup> Apesar de não concordar com alguns princípios das políticas de inclusão vou utilizar o termo neste trabalho, por não poder aprofundar essa discussão no momento.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A RELAÇÃO COM A  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES*

facilitador do conhecimento, mediando e auxiliando o aluno a filtrar e reorganizar as informações recebidas dos diversos meios de comunicação.

Mesmo considerando todas as possibilidades de teorias educacionais, será que a formação do professor o prepara para trabalhar com alunos Portadores de Necessidades Educacionais Especiais - PNEE? E será que a formação dos professores de Educação Física é igualmente sensível para essa área? As ações tomadas pelo governo e faculdades: incentivar projetos com o tema “inclusão”, lançar cursos previstos no Programa de Formação Continuada de Professores na Educação Especial, demonstram uma tentativa de minimizar uma situação cada vez mais clara, qual seja, que a educação inclusiva não tem atingido seus objetivos.

Segundo o Censo em 2000, 14,5% da população brasileira eram portadoras de pelo menos, uma das deficiências investigadas pela pesquisa. Falamos de um número bem expressivo e embora os alunos PNEE sempre existissem, o incentivo para o seu ingresso na escola dita regular é uma tendência nova. Fica então uma pergunta: Será que estes alunos encontrarão uma escola pronta para recebê-los? Chamo a atenção de que entendo escola como espaço físico, currículo e professores<sup>3</sup>.

Ao pensar o elemento humano professor, e mais especificamente o professor de Educação Física, pela prática que normalmente se observa, gera dúvidas sobre qual o olhar que este professor vem dando à inclusão, tanto durante a sua graduação quanto na sua vida profissional.

Esses professores sofrem nas suas práticas vários questionamentos quanto ao seu trabalho e normalmente, dentro das escolas, eles são excluídos de reuniões pedagógicas (por si ou pelos outros professores), gerando um distanciamento da disciplina Educação Física de seu caráter educacional. Ao pensarmos esta questão fico ainda mais inquieto sobre o processo de inclusão, me questiono se ele acontece nessas aulas e que condições têm esse professor para articular seus conhecimentos, visando uma educação inclusiva. Mesmo na sala de aula em disciplinas teóricas, pensar inclusão é uma tarefa complexa, imagino ser mais difícil então em uma disciplina onde as diferenças individuais tendem a ficar ainda mais visíveis, como é o caso da Educação Física.

Para entender todo esse processo, pretendo analisar como se dá o processo de inclusão nas aulas de Educação Física em escolas de Pelotas e que relação existe entre esse processo e a formação do professor de Educação Física?

---

<sup>3</sup> Como é de conhecimento geral, o empenho para tornar as escolas acessíveis fisicamente está parcialmente superado, entretanto, as demais exigências são ainda um grande desafio.



### **O que procurar, onde perguntar...**

Embora pareça algo simples, atualmente as políticas de inclusão apontam que a ação deve ser tomada, devemos incluir, mas temos uma grande lacuna do momento que os discursos políticos e as leis dizem que a inclusão deve ser realizada, até a preparação destes professores para a função, ainda mais os professores de educação física aparentemente tão despreparados historicamente para este eixo de ação.

Com este pensamento busquei entender a formação destes professores que atuam na educação física escolar, tentar entender como se dá a formação deles em relação a inclusão, ver como o professor entende este aluno incluso, quem ele considera ser este aluno.

Entender estes elementos nos remete de trás da graduação do professor até os cursos posteriores, e aperfeiçoamentos, por uma breve pesquisa levantei escolas com alunos inclusos e posterior nas classes em que um professor de educação física atuava, apliquei questionários semi-estruturados buscando maximizar o tempo e tornar a pesquisa viável, para o momento iniciei a pesquisa na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, pois é uma cidade de grande fluxo de pessoas gerando uma diversidade interessante para o trabalho. Pelo atual montante de trabalho acredito que seja possível expandir a pesquisa até outras cidades, para que possamos ter um panorama mais significativo, mesmo que regionalmente.

### **Nasce uma Educação Física no Brasil**

Quando pensamos em Educação Física no Brasil podemos dizer que ela se confunde em muitos momentos com a história das instituições médicas e militares e foi no contexto da ditadura militar que o curso de Educação Física se estabeleceu, inicialmente regido por militares. Como afirma Soares (1994) as instituições médicas e militares influenciaram as tendências, caminhos e limitações da Educação Física tendo nela um valioso instrumento de ação e de intervenção na realidade educacional e social.

Neste contexto arcaico, pensar uma educação inclusiva era visivelmente impossível durante a ditadura, onde a ideia do jovem saudável imperava e para a busca em formar corpos “dóceis” e bem desenvolvidos ao dispor da pátria, seria impossível situar ou pensar o diferente.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A RELAÇÃO COM A  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES*

Embora atualmente a Educação Física não sofra influência destas entidades, muito das suas práticas daquele período permanecem, embora estejamos utilizando conteúdos diferentes, a forma de aplicá-los é muito similar ao da ditadura: os alunos são chamados a repetir movimentos, a realizar as atividades, mas raramente são convidados a refletir, entender ou participar do entendimento das mesmas, fisicamente eles compreendem o movimento mas não o conteúdo. Este tipo de aula serve a indivíduos padronizados e felizmente a sociedade é composta por pessoas diferentes (vejo que a escola não utiliza muito da “prática social”), com gostos habilidades e competências variadas.

Assim como vejo pessoas diferentes compondo uma única sociedade, também vejo a escola com diferentes conhecimentos compondo um universo maior. Esta seria uma confortável idéia de inclusão. Mas, a forma como a educação física escolar acaba sendo entendida, contribui para sua desqualificação. Assim, pensar que a disciplina poderia ser excluída do calendário, que as aulas de Educação Física não necessitam de teoria (aulas teóricas), que as aulas podem ser canceladas por motivos de condições adversas, tais como, o clima ruim, só reforçam para que a área seja considerada como supérflua.

Visualizando esses fatos, é preciso voltar os olhos com atenção a esta disciplina, avaliar sua história, pensar seu futuro, ouvir aos professores, entender sua formação para então com este pensamento buscar, quais espaços tem a “inclusão” na escola atual.

Na graduação usamos muito a frase, “da teoria à prática...” e os cursos de Educação Física têm sofrido mudanças na sua grade curricular e estrutura. Questiono então, que situação desencadeou isso e se teremos reflexo real na educação, ou se constituem somente mudanças teóricas?

Culturalmente, a Educação Física se colocava em uma situação muito mais próxima de treino físico ou recreação que do seu papel educacional. Nos últimos anos muitos cursos foram divididos em Licenciatura e Bacharelado, mas será que esta mudança tem reflexos na educação física escolar, pensando mais objetivamente na educação inclusiva?

### **Minha História na Educação Física**

Quando recorro às minhas lembranças como aluno de Educação Física no ensino fundamental, lembro de sempre ter sido oferecida à opção de não fazer as aulas, provavelmente



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A RELAÇÃO COM A  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES*

pela minha condição física<sup>4</sup>. Independente desse fator, entretanto, eram propostas aulas livres onde cada aluno poderia fazer o que quisesse.

Durante a educação básica passei por várias escolas, em Estados diferentes, mas, algo havia em comum em todas elas, nas aulas de Educação Física eu brincava, jogava e até não fazia nada. Normalmente, as aulas eram tidas pelos alunos como recreação. Lembro de um único momento em que senti estar em uma aula de verdade quando, na sexta série, uma professora passava aulas com exercícios que hoje sei, eram aulas de condicionamento físico. E, mesmo durante o meu ensino fundamental, não me recorro de ver preocupação alguma com inclusão. As aulas pareciam fórmulas de física, pois não havia mudanças, eram exatas, e seus conteúdos sem grande relevância. Os movimentos deviam ser imitados e os jogos jogados, mesmo que o jogar fosse estar parado em campo.

Segundo Sampaio (2004), à medida que o aluno entende o jogo e descobre a necessidade de melhorar suas habilidades. O aprendizado e desenvolvimento da técnica serão valiosos para ele, pois estará internalizando seu conhecimento sobre o conteúdo. Claro que cabe ao professor dar espaço para este momento, e em situações de jogo constante é complicado para um aluno vivenciar o movimento ou internalizar algum conhecimento.

Felizmente durante minha infância as artes marciais estavam na moda e embora houvesse muitos locais para praticar, só pude ter acesso quando estava na oitava série. Este momento me ajudou a perceber melhor o que é uma prática física orientada. Sampaio (2004) argumenta que a unidade entre ensino e aprendizagem fica comprometida quando os conteúdos são voltados somente para a repetição e a memorização, mas que, essa unidade também fica comprometida se os alunos são deixados sozinhos, sob a alegação de que o professor só deve facilitar a aprendizagem. Nas artes marciais pude entender o que é assimilar uma prática, se apropriar de um conhecimento e pude perceber algumas falhas no meu ensino e munido destes novos conhecimentos, segui minha trajetória estudantil.

Quando cheguei ao ensino médio, eu já ministrava aulas de defesa pessoal e minhas expectativas das aulas de Educação Física eram grandes e buscando um novo nível de ensino, esperava maior aprendizado e informações. Dentre as várias opções que tinha na época escolhi ginástica, pois tinha pouco conhecimento sobre o assunto e percebi a oportunidade ideal para desenvolver-me e, embora não compreendesse o universo da ginástica, estava ciente da enorme

---

<sup>4</sup> Tenho algumas limitações na minha capacidade de locomoção e alguns outros atos do mover-se.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A RELAÇÃO COM A  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES*

variedade de conteúdos e vislumbrava várias situações de assimilação e apropriação do conhecimento.

As primeiras aulas foram decepcionantes. Percebi que elas resumiam-se a caminhadas de 12 minutos e alongamentos, nada mais, a não ser as equipes representativas que tinham um “treinamento”<sup>5</sup> em algum esporte, as aulas, nem preciso dizer que não eram pensadas para aluno nenhum. Eram aulas por aulas, e infelizmente por uma pesquisa visual eram todas desse jeito. Me senti tão desmotivado que fiz o que muitos fazem: obtive uma dispensa da Educação Física com atestado de trabalho (devido as aulas de artes marciais que ministrava em uma escola de Ensino Fundamental), pois para mim as aulas de Educação Física não acrescentavam em nada. Como muitos alunos, foi assim que encerrei minhas aulas na Educação Física escolar.

Por toda minha vivência escolar a Educação Física era considerada um momento de descanso, situação de lazer sem caráter educacional visível. Quanto aos conteúdos teóricos, nunca os recebi, nem sob forma de aula com o professor frente aos alunos em classe, ou professor passando informações, por conversas ou comentários mais informais. Quanto às avaliações, nem podem ser consideradas, pois as notas normalmente não tinham um processo claro para sua atribuição.

Mesmo tendo uma vivência tão “pobre” na Educação Física durante a minha vida escolar, descobri o gosto pela prática de atividades físicas nas artes marciais onde também descobri meu interesse por “lecionar”, o que foi decisivo na escolha do meu curso. Eu via um enorme potencial de aprendizagem através das práticas físicas e queria a chance de compartilhar com mais pessoas, não só com meus alunos de artes marciais.

Através do vestibular cheguei à graduação, tentei dentro do possível, assimilar e utilizar de práticas pedagógicas nas aulas que ministrava (artes marciais e Educação Física Escolar), iniciativa minha e sem orientação de professores, e fui notando o quanto a questão “inclusão” encontrava-se fora do discurso acadêmico. Como única exceção, houve um professor que ministrava uma cadeira teórica no curso. Ele tinha uma filha PNEE, mas mesmo ele não nos instigou a dar aulas para este público.

Buscando então estudiosos como Sampaio (2004) que esclarece, para as crianças poderem se apropriar dos conteúdos dos esportes, devemos adaptar as condições materiais e pedagógicas,

---

<sup>5</sup> Atividades de treino visando um esporte não podem ser considerados como aula, embora tenham presente a didática, o nível exigido e os objetivos são completamente diferentes de uma aula de Educação Física escolar, tanto no ensino básico.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A RELAÇÃO COM A  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES*

possibilitando uma “imitação” do esporte, muito mais com característica lúdica. Esta ação aproxima o esporte da realidade escolar e tira a pressão da expectativa de perfeição ou das práticas exaustivas. Encontrei aí um caminho para uma prática diferenciada, mas pensando em “inclusão”, ainda sentia necessidade de algum complemento teórico, uma linha de ação mais adequada.

Freire (2005) assinala que, mesmo sem ter consciência disso, muitos professores investem na atitude de transmitir o conhecimento de fora para dentro, como se os alunos fossem vazios de conhecimento e os professores pudessem depositá-lo no aluno. O professor deve orientar as atividades, mas ter consciência de que o conhecimento se constrói na interação com os alunos, entre colegas, com o meio e a estrutura material, fazendo uso do saber que eles já internalizaram.

Mas vejo hoje em dia que questões importantes como estas podem estar sendo perdidas. Muito da responsabilidade dos pais é erroneamente transferida à escola e assim, a prática dos professores acaba por não ser criticada adequadamente. Lembro de um texto sobre o direito de criticar. Acredito que o próprio professor deveria ser capaz de fazer a crítica sobre sua prática mas, uma crítica externa pode apontar para algo que o educador até então não tenha percebido. Uma postura mais sincera do professor reconhecendo que a escola não é a detentora do saber está aberta às informações e críticas, podendo ser um caminho para a educação inclusiva.

Um ambiente escolar livre de críticas proporciona o diálogo dos alunos com o professor e colegas e incentiva-os à livre experimentação de seu potencial. Para Kunz (2006), o diálogo é fundamental durante as experimentações do aluno, pois pode trazer à tona questões subjetivas do aluno (receio quanto à prática de algum movimento, por exemplo), evitando deste modo práticas mais tradicionais e autoritárias do professor, com diálogo restringindo-se a orientações e instruções.

Considerando minha vivência como aluno e como professor, vejo a importância de repensar a educação no geral, mas começo aqui por repensar a Educação Física frente a este movimento chamado “inclusão”. Muito embora minha experiência me mostre uma parte da realidade, vejo a necessidade de entender a mesma realidade em um contexto maior, identificando nos professores de hoje, sua formação e como estão situados quanto a este tema, bem como, tentar entender a Educação Física que temos nas escolas e como ela atende aos alunos e/ou buscar meios para provocar reflexões de como ela pode vir a atendê-los. Adaptações



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A RELAÇÃO COM A  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES*

físicas na escola são importantes, mas a postura do professor no ensino (derivada de sua formação) ainda é o elemento mais importante.

### **Um pouco do que vejo hoje**

Infelizmente o estudo ainda está em sua fase inicial o que não nos permite ainda realizar grandes panoramas ou fornecer uma base de dados mais precisa, mas para o momento questões muito interessantes têm sido levantadas, a identidade destes alunos inclusos, é algo ainda não definido para o professor, pois tem alunos que mesmo sem nenhuma deficiência, deixam de participar das aulas, entender os motivos que levam estes alunos a não participarem das aulas me parece fundamental para entender melhor este processo de exclusão que se mistura à inclusão.

Pelo que vejo até agora, um dos grandes problemas é a forma que os professores encaram os alunos, fica claro quando falam da chegada de alunos inclusos, pois comentam, “eu tinha 40 alunos e agora vem um incluso”, isso nos mostra que os professores tendem a homogeneizar as classes. Onde será que foi parar todas as individualidades das pessoas suas diferenças e demais questões.

Quando pensamos inclusão hoje em dia, parece que estamos colocando uma bolinha vermelha no meio de várias azuis, me parece o processo mais exclusivo de todos, será que não deveríamos ver os alunos todos como bolinhas de cores variadas e assim entender que a inclusão se faz, mesmo ontem tem duas pessoas ditas normais?

### **REFERÊNCIAS**

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física No Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papyrus, 1994.

FREIRE, João Batista et al. **Iniciação Esportiva**. Brasília: UnB, 2005.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Inclusão**.

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=8166](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=8166) . Acessado em 19 de outubro de 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo de Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais**.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A RELAÇÃO COM A  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES*

[.http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtm). Acessado em 19 de outubro de 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?**: Novas exigências educacionais e profissão docente. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KUNZ, Elenor (Org.). **Didática da Educação Física**. 4. ed. Ijuí: Unijui, 2006.

SAMPAIO, Renato et al. **Pedagogia do Esporte**. Brasília: UnB, 2004.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física**: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.